

## O papel da memória na produção dos sentidos no HGPE de Dilma Rousseff

Ludimila Machado MARQUES<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, temos como objeto de análise o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, de Dilma Rousseff, que foi ao ar dia dezenove de agosto de 2010, no período da tarde. Dessa forma, o nosso objetivo é verificar como se deu a produção de sentidos do discurso desse televisivo, a partir da memória discursiva, do imaginário, bem como das condições de produção. Para tanto, o trabalho em questão está embasado na teoria da Análise de Discurso de linha francesa, bem como em conceitos de Mídia e Política, o que nos possibilitou chegar a determinadas conclusões as quais apontam para a busca da legitimação da candidatura de Dilma Rousseff, por meio da figura do presidente Lula.

**Palavras-chave:** Discurso; Sentido; Memória.

**Abstract:** In this paper, we aim to analyze the free television time for election of Dilma Rousseff, which aired day August 19, 2010, in the afternoon. Thus, our goal is to see how was the production of meaning of the discourse of television, from the discursive memory, imagination, and the conditions of production. Then, the study in question is grounded in the theory of Discourse Analysis French line, as well as in media and political concepts, which enabled us to reach certain conclusions which point to the quest for legitimacy of the candidacy of Dilma Rousseff, through the figure of President Lula.

**Keywords:** Discourse; Meaning, Memory.

### Introdução

O discurso pode ser objeto de vários tipos de análise, no caso deste trabalho especificamente, a proposta é analisá-lo com base na teoria de Análise de Discurso de linha francesa e nas teorias de mídia e política. A razão de analisar o discurso aqui se dá em virtude do caráter social que ele possui, por isso, o motivo de nosso interesse é ainda maior, quando estamos diante do discurso político, tendo em vista o caráter polêmico que este apresenta. Por esta razão, selecionamos como o nosso corpus de análise o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, de Dilma Rousseff, que foi ao ar dia dezenove de agosto de 2010, no período da tarde.

Nosso objetivo é verificar como se deu a produção de sentidos nesse programa, a partir de conceitos como a memória discursiva, o imaginário e as condições de produção. Para tanto, entendemos ser

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos, na linha de Estudos do Texto e do Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá. Maringá-PR. Correio eletrônico: mmludimila@hotmail.com.

necessária uma revisão literária, para que possamos refletir sobre os conceitos da Análise de Discurso de linha francesa e sobre a teoria de Mídia e Política. Na sequência, faremos a análise ancorada nos conceitos previamente apresentados.

Assim, com os conceitos trabalhados neste estudo, pudemos refletir sobre o nosso objeto de análise, o que nos proporcionou a chegar a determinadas conclusões, que apontam para a legitimação da candidatura de Dilma Rousseff à Presidência da República em 2010, por meio da memória discursiva que retomou em todo o tempo a figura de Lula. Dessa forma, entendemos que o papel da memória e as condições de produção do discurso são fundamentais na produção dos sentidos.

### **Discurso, Sujeito, Sentido e Memória**

Vários são os caminhos para quem se propõe analisar o discurso, isso se reflete por sua relevância nas relações interpessoais e a sua capacidade de transformação da sociedade como um todo, uma vez que possui um caráter social. Dessa forma, é pertinente neste trabalho, buscarmos primeiramente compreender como o discurso é entendido de acordo com a Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD). Assim,

a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 1999, p. 15).

Partindo dessa afirmação de Orlandi, verificamos que o discurso é muito mais do que o pronunciamento de uma pessoa importante em um dado evento, como usualmente é concebido; para nós, discurso é a “prática da linguagem” e, nas palavras de Fernandes (2005), é ação social. E “[...] discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2005, p. 20).

Podemos, então, observar que o discurso é social e ideológico, isto posto, “analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso, que por sua vez é

materializado pela linguagem em forma de texto” (FERNANDES, 2005, p. 22). Nesse sentido, “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. (ORLANDI, 1999, p. 17).

Desse modo, refletindo sobre as palavras de Fernandes e Orlandi, é possível perceber que o discurso na AD é entendido como a materialidade da ideologia, e da mesma forma, é por meio da língua que se materializa o discurso, produzindo sentido(s) por meio dos sujeitos e para eles. Quando falamos em discurso, é possível notar que não há como concebê-lo sem pensar no sujeito, o que nos faz procurar compreender como é que se dá essa noção na AD, uma vez que esse sujeito da AD não é aquele entendido como um ser empírico, individual, mas sim um ser social. Como diz Orlandi:

Não é vigente, na Análise de Discurso, a noção psicológica de sujeito empiricamente coincidente consigo mesmo. Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. (ORLANDI, 1999, p. 48 - 49).

Para Pêcheux, o sujeito somente se constitui, porque o indivíduo é interpelado pela ideologia, é o que vemos nas seguintes palavras “na verdade, o que a tese ‘a Ideologia interpela os indivíduos em sujeitos’ designa é exatamente que o ‘não-sujeito’ é interpelado-constituído em sujeito pela Ideologia”, (PÊCHEUX, 2009, p.141). Dessa maneira, fica claro que Pêcheux considera a ideologia como constitutiva do sujeito, ou seja, não se pode refletir sobre sujeito sem pensar em uma ideologia que o afeta.

Na esteira de Pêcheux, Orlandi conceitua que

por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia (ORLANDI, 1999, p. 46).

Como se pode perceber a partir da leitura de Pêcheux e Orlandi, o sujeito da AD não é aquele sujeito com existência individual no

mundo, que pode fazer as suas escolhas livremente, que tem acesso e controle de tudo o que pensa e diz, mas é um sujeito que é assujeitado à língua e à história, para que possa se constituir como tal e para que possa produzir sentidos a partir de seu discurso.

É importante compreendermos ainda, de acordo com Orlandi, a necessidade de que “devemos lembrar que o sujeito discursivo é pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz [...]”. (ORLANDI, 1999, p. 49). Assim, conforme essa autora:

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). (ORLANDI, 1999, p. 40).

Ao ocupar uma posição, para ser sujeito do que diz, este sujeito já está produzindo sentidos, já está significando de alguma maneira, pois a língua não é transparente, e, como alega Orlandi “as palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que no entanto significam em nós e para nós”. (ORLANDI, 1999, p. 20).

É no discurso que os sentidos são constituídos, produzidos e significam, porém, eles não são sempre os mesmos, significando sempre do mesmo modo em qualquer que seja a situação, a produção dos sentidos envolve questões que Pêcheux entende do seguinte modo:

[...] as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 2009, p. 146 - 147).

Nesse aspecto, o mesmo autor argumenta que:

[...] as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos-falantes (em sujeitos de *seu* discurso) pelas formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 2009, p. 147).

Isto posto, esse mesmo autor define formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...]”. (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Com base nesse autor, é possível entender que as palavras, o discurso, de fato, não possuem um sentido único, próprio; eles passam a ter sentido baseados na formação discursiva (doravante FD), na qual estão inseridos. E mais, para que eles possam ser pronunciados, é preciso que estejam em conformidade com o que é preconizado pela FD a que pertencem. Diante do exposto, julgamos necessário retomar mais uma vez a palavra de Pêcheux, em que o autor explica a relação da interpelação:

Podemos agora precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apóia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (sob sua dupla forma, descrita mais acima, enquanto “pré-construído” e “processo de sustentação”) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito. (PÊCHEUX, 2009, p. 150).

Nessa perspectiva, apreendemos que é a FD que constitui o sujeito e que o interdiscurso se manifesta no discurso desse sujeito mostrando como este se posiciona socialmente, historicamente e ideologicamente. Para entendermos o que é o interdiscurso, como é o seu funcionamento, tomamos emprestadas as palavras de Orlandi:

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 1999, p. 31).

Podemos perceber então o papel fundamental da memória no processo discursivo, pois é ela que traz as possibilidades do dizer, por meio do pré-construído e do já-dito; é a memória enquanto interdiscurso disponibilizando dizeres que atua no modo como as palavras e o

sujeito se significam. Pensada discursivamente, a memória não pode ser concebida como aquela psicológica, individual, mas sim como memória social, pois “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. (PÊCHEUX, 1999, p. 50). Nesse mesmo aspecto, esse mesmo teórico explicita também que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Para Davallon (1999), existem duas constatações que se impõem para que a memória possa existir. A primeira diz respeito à capacidade que tem um acontecimento de sair da indiferença, para poder ser lembrado, fazer impressão em outro momento. A segunda constatação se refere à necessidade do acontecimento rememorado reencontrar sua vivacidade, e nos termos de Davallon: “[...] é preciso que ele seja reconstruído a partir de dados e de noções comuns aos diferentes membros da comunidade social”. (DAVALLON, 1999, p. 25).

A memória é assim um jogo entre passado e presente, que nos permite compreender os acontecimentos e faz com que os sentidos sejam construídos e possam ser interpretados. Isso tudo só é possível, pois, como vimos, essa memória é social, coletiva, está gravada nas práticas de uma sociedade e na sua história.

Quando falamos em gravada, logo pensamos que a memória está ali arquivada em algum lugar, pronta para ser resgatada. Nesse ponto, Barbosa expõe que:

De nosso ponto de vista, a memória discursiva não está completamente alojada em parte nenhuma, definitivamente. Pelo contrário, ela é um processo que se move dos arquivos para a mente humana e da mente para outros arquivos. É por meio dessa transferência inacabável, permanentemente mutante, que se constituem as várias memórias coletivas que circulam em uma sociedade. (BARBOSA, 2003, p. 116).

A partir das considerações de Barbosa, é possível concluir que não existe somente uma memória, mas, sim, várias memórias coletivas que transitam em uma sociedade e que significam. Devemos lembrar

ainda que a memória atua diretamente na construção do sentido, pois ela faz parte da produção do discurso, o qual circula em determinada sociedade, e em uma dada situação discursiva.

Para nos posicionarmos em relação à determinada situação discursiva, é importante, além de pensarmos na memória, refletirmos também sobre as condições de produção do discurso, as quais “[...] compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer as condições de produção é fundamental [...]”. (ORLANDI, 1999, p. 30). E ainda, “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico”. (ORLANDI, 1999, p. 30).

E nesse contexto, “as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem” (FERNANDES, 2005, p. 23). Nesse mesmo sentido, “[...] as condições sociopolítico-ideológicas mapeiam, num dado momento histórico-social, as possibilidades de expressão e, portanto, de produção de sentido pelo sujeito” (CORACINI, 2007, p. 31). Com isso, é possível compreender que, quando nos propomos a analisar o discurso, devemos estar atentos a todos os aspectos que envolvem este processo discursivo, para que possamos entender quais foram as circunstâncias que levaram à produção de determinados sentidos e não de outros.

## **Mídia e Política**

Pensar a sociedade nos dias de hoje, em pleno fervor do início do século XXI, implica refletir sobre as várias transformações que o mundo tem passado nos últimos tempos. Uma dessas mudanças é a que ocorreu e continua acontecendo nos meios de comunicação, justificada pelo grande avanço tecnológico, que provocou nos indivíduos, nas instituições, nas sociedades em geral, profundas modificações, tendo em vista a ação direta da mídia na vida cotidiana das pessoas. Dada toda essa importância dos meios de comunicação, da mídia em geral na

contemporaneidade, é interessante observarmos como se dá a relação mídia e política, uma vez que esta também é diretamente influenciada por esses canais de comunicação, sofrendo, dessa forma, uma profunda alteração em sua forma de constituir-se.

Sabe-se da necessidade que a política tem de se fazer visível. Desse modo, com essa participação massiva da mídia na sociedade contemporânea, podemos dizer que a política modificou-se, e, com ela, adquiriu um caráter de espetáculo, “a política ‘espetacularizou-se’, inseriu-se, com efeito, nos padrões midiáticos pós-modernos: ‘o espetáculo político’ [...]” (FILHO, 2003, p. 51). Esse termo ‘espetáculo político’ é emprestado de Courtine, teórico que faz um estudo sobre a política e sua transformação através dos meios de comunicação, nessa perspectiva, este autor afirma que:

Indissociável do discurso, a imagem vem qualificar ou desqualificar os conteúdos, medir seu impacto, soldar seus efeitos. Uma das conseqüências mais marcantes do desenvolvimento de uma tecnologia da comunicação política terá sido a de modificar a relação entre enunciação do discurso e espetáculo do corpo falante, em proveito deste último. Mutação do *homo politicus*: tudo se passa como se, ao ler o comentário contínuo que acompanha as menores vibrações do *show* midiático, o corpo do orador, durante muito tempo mudo, passasse de repente a falar. As técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso central da representação política. É como se se passasse de uma política do texto, veículo de idéias, para uma política da aparência, geradora de emoções. (COURTINE, 2003, p. 24 - 25).

A questão da aparência tem regido atualmente o comportamento de toda a sociedade, não poderia deixar de reger também a política. Essa necessidade do visível faz com que haja todo um trabalho no homem político que será objeto desse *show* midiático, que comenta Courtine (2003). Assim, podemos verificar que a preocupação central está na imagem que será passada, por isso, toda essa “pedagogia do gesto, do rosto, da expressão” (COURTINE, 2003, p. 24 - 25). É nesse contexto, de *show* midiático, visibilidade, espetáculo, que surge uma questão relevante no meio político atual, que diz respeito, como argumenta Courtine (2003), ao homem privado sob o personagem público. Nos termos deste autor:

A fala política consiste certamente em preparar os balanços

e traçar os programas, mas também em murmurar os gostos literários ou culinários a um jornalista biógrafo em tom de confiança. *Be yourself*. As boas perguntas políticas são aquelas feitas em domicílio, enquanto a câmera examina os objetos íntimos, explora os detalhes pessoais, volta incansavelmente ao rosto cuja dimensão interior ela quer perscrutar ao máximo (COURTINE, 2003, p. 24).

Esta técnica de tentar mostrar a privacidade do homem público, é mais uma estratégia para aproximar o espectador do político, é um modo que o espetáculo político tem de dizer ao cidadão comum que aquele homem político é também uma pessoa como outra qualquer, digna de crédito. Nessa mesma perspectiva, Courtine afirma:

As técnicas de comunicação de massa se fundam ainda sobre uma antiga injunção que regula os comportamentos públicos e que elas vão amplificar: saber ser senhor de suas palavras e de seus gestos de uma maneira que apague esse esforço, esse trabalho sobre si, dentro de uma definição do comportamento 'natural'. Existe, desse modo, uma 'naturalidade' televisual, regra essencial à boa recepção das mensagens políticas. É uma pedagogia dessa 'naturalidade' que as agências de marketing político imprimem nos homens públicos (COURTINE, 2003, p. 29).

Isto posto, percebemos que a política é todo um jogo de estratégias, técnicas, que são criadas para impor ao cidadão comum um tom de verdade, de credibilidade ao homem público. Nesse sentido, Courtine defende que:

O discurso político é assim submetido a uma dupla exigência; de uma parte, uma injunção à verdade: ele é então o "falar-verdadeiro" e exprimiria em sua transparência as próprias coisas. De outra parte, um imperativo de simplicidade: ele é então o "falar-francamente", língua ordinária, banalização cotidiana das idéias políticas. A maioria dos governantes se aplicam desde então a falar línguas mínimas, *basics* (COURTINE, 2003, p. 23).

Ainda segundo Courtine (2003), outra exigência a qual foi submetido o discurso político, é "o reinado das formas breves", mais uma imposição dos meios de comunicação, tendo em vista que, na televisão, tanto no spot publicitário quanto nos debates, a preferência é pelas mensagens curtas e objetivas.

Com isso, tornam-se evidentes as inúmeras técnicas, estratégias, operações, ou seja, todo um processo operando nesse fazer político, o que acaba por transformá-lo no que Courtine chama de espetáculo

político. Assim, ao propormos uma análise do discurso político, devemos considerar que:

O discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz. Jamais deve ser tomada ao pé da letra, numa transparência ingênua, mas como resultado de uma estratégia cujo enunciador nem sempre é soberano (CHARAUDEAU, 2006, p.08).

## **Análise**

Após o levantamento da revisão literária de conceitos caros à Análise do Discurso de linha francesa, da mídia e da política, iniciaremos a nossa análise à luz dessas teorias, mais especificamente embasados em elementos como a memória discursiva e as condições de produção, propostas pela AD, no entanto, isto não significa que damos menos importância aos outros conceitos levantados neste trabalho, uma vez que eles contribuíram para a elaboração deste estudo como um todo, auxiliando, mesmo que de forma indireta, na realização de nossa análise.

Selecionamos como objeto de análise o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral<sup>2</sup>, doravante HGPE, de Dilma Rousseff, que foi ao ar dia dezanove de agosto de 2010, no período da tarde. O nosso objetivo é verificar como se deu a produção de sentidos nesse programa, a partir de conceitos como a memória e as condições de produção. Assim, primeiramente, consideramos importante fazer uma retrospectiva da trajetória do ex-presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, à frente da Presidência do Brasil.

Após disputar por três vezes as eleições presidenciais, nos anos de 1989, 1994 e 1998, Lula foi eleito presidente da República somente em outubro de 2002, representando o Partido dos Trabalhadores – PT, partido do qual é fundador. Assumiu a presidência em primeiro de janeiro de 2003. A cerimônia de posse foi uma festa histórica, pois a população estava muito eufórica, visto que, pela primeira vez na história do Brasil, um homem do povo, ex-operário, iria assumir o cargo de maior importância do país. O seu primeiro mandato foi assinalado por muita polêmica, devido a grandes escândalos de corrupção, como por

---

<sup>2</sup> Informamos que o vídeo correspondente ao HGPE, de dezanove de agosto de 2010, encontra-se na íntegra no seguinte endereço eletrônico: <<http://www.youtube.com/watch?v=fTXU5C0TU6Q>>.

exemplo, o chamado 'mensalão'; porém, nada abalou a popularidade de Lula que tinha grande carisma perante a população. Dessa forma, em meio a tantos problemas, Lula conseguiu se reeleger em 2006, ficando no comando da Nação até o final do ano de 2010.

O governo de Lula ficou marcado por grandes programas sociais, como o 'Bolsa Família', 'Fome Zero', 'Luz para Todos', 'ProUni', entre outros, além de ser reconhecido também pela redução da pobreza no país e pela continuidade da estabilidade econômica do governo anterior. Outra marca de sua administração foi o destaque na política externa, que o tornou 'popular' não só no Brasil, mas também no mundo todo. Quando deixou a presidência, a imprensa brasileira noticiava que o índice de aprovação de seu governo 'beirava os oitenta por cento', dessa forma, Lula é tido hoje como o presidente de maior popularidade do Brasil.

Isto posto, em 2010, último ano de Lula como chefe maior da Nação, e ano de eleição, era preciso lançar um nome, um candidato a presidência, para ser seu 'substituto' pelo PT, assim, o político escolhido para disputar o cargo mais importante do país, pelo Partido dos Trabalhadores, foi Dilma Rousseff, o que muitos alegam ter sido decisão exclusiva de Lula, que foi quem ancorou toda a campanha presidencial de 2010.

Dilma era conhecida por ocupar muitos cargos importantes, dentre eles, o de maior importância, ministra chefe da Casa Civil, ao lado de Lula, no entanto, a candidata nunca tinha ocupado algum cargo que fosse decidido pelo voto popular, como o disputado em uma eleição política.

Podemos dizer que o HGPE do dia dezanove de agosto de 2010 foi elaborado em meio a essas condições de produção. Este televisor do PT, que tem por volta de dez minutos, começa abordando o tema 'mudança', inclusive, o slogan da campanha de Dilma era 'para o Brasil seguir mudando', assim os dizeres são:

**Locutor I** - Mudança, esta é a palavra que melhor define o Brasil hoje. Com fé e confiança o brasileiro se acostumou a conjugar o verbo mudar. Mudar seu país, sua vida, sua região. Com estabilidade, sem sustos, sem conflitos. Com Lula a gente aprendeu como isso é bom e quer seguir mudando. Quer seguir em frente. Quer seguir no rumo certo.

Observando a primeira parte deste programa, verificamos que o

discurso veiculado ao abordar o assunto 'mudança' tenta mostrar que o país mudou, continua mudando e vai continuar mudando, pois enuncia o verbo, referindo-se a situações no presente, ao dizer: "mudança, esta é a palavra que melhor define o Brasil hoje"; no passado, como vemos em: "com fé e confiança o brasileiro se acostumou a conjugar o verbo mudar" e ao passado e futuro juntos, quando fala: "com Lula a gente aprendeu como isso é bom e quer seguir mudando". Outra observação que podemos fazer é que, neste início do HGPE, o nome da candidata Dilma não é mencionado, mas sim o de Lula, o que nos possibilita visualizar uma retomada ao trabalho realizado por Lula, que teve grande aprovação pelo eleitorado.

Nesse sentido, é possível perceber que este discurso opera com fatos do passado e do presente, utilizando o nome de Lula, buscando reativar na memória do povo os feitos do governo deste presidente. Desse modo, podemos inferir que estes dizeres buscam produzir, por meio da memória, um efeito de sentido o qual diz que 'Lula mudou o país para melhor, sem sustos' e que 'essa mudança, essa continuidade, também será mantida pela candidata apoiada por ele', pois "[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' [...]" (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Na sequência do programa, aparece a candidata Dilma Rousseff, às margens do Chuí, no Rio Grande do Sul, e o presidente Luis Inácio Lula da Silva, à beira do rio Madeira, em Porto Velho, Rondônia. Nesse momento, é estabelecido um diálogo entre os dois, e aqui, podemos perceber o espetáculo político, conforme vemos a seguir:

**Dilma** – É muito bom começar esta campanha aqui, nas margens do Chuí. Onde acaba e ao mesmo tempo começa o Brasil.

**Lula** – E é muito bom, Dilma lhe responder da nossa região Norte, onde o Brasil também começa e termina. Eu aqui no calor que faz à beira do rio Madeira, e você aí no frio do Arroio Chuí. Desse jeito, a gente pode dar um abraço no nosso povo. Um abraço do tamanho do Brasil. E anunciar o início de um novo tempo.

**Dilma** – É presidente, e o futuro começa sem que se interrompa o presente. Porque o Brasil não quer e não pode parar. O povo brasileiro quer seguir construindo este Brasil novo, onde cabe, sem exceção cada brasileira e cada brasileiro. Nosso povo sabe que agora tem um projeto com a força e o tamanho do Brasil.

**Lula** – Um projeto, Dilma, que está só começando. Muita coisa já foi feita, mas tenho certeza que saltos ainda maiores vão

acontecer no seu governo. No governo da primeira mulher presidente do Brasil.

**Dilma** – Presidente, o salto mais difícil já foi dado. Mudar a forma de governar o Brasil, olhando para todos os brasileiros. Por isso, eu me orgulho tanto de ter participado do seu governo. E quero continuar e fazer avançar a sua obra. O Brasil dará outros passos fabulosos, porque a mudança tocou a vida de todos os brasileiros. Sempre que isso acontece com um povo, o país ganha um novo movimento. (Diálogo I).

No começo do diálogo I, percebemos um clima harmonioso, em que se tenta uma aproximação com o telespectador, primeiramente, porque Dilma e Lula se encontram nas extremidades do país, Dilma no Chuí e Lula no rio Madeira, ou seja, um na região Sul, outro na região Norte. Essa tentativa de aproximação pode ser observada nas palavras de Lula: “Eu aqui no calor que faz à beira do rio Madeira, e você aí no frio do Arroio Chuí. Desse jeito, a gente pode dar um abraço no nosso povo. Um abraço do tamanho do Brasil”, assim, ao falar dos extremos: calor e frio, opondo a região Norte à região Sul, e, ainda, dizer que dará um ‘abraço no nosso povo’ e do tamanho do Brasil, produz um efeito de sentido o qual quer mostrar que mesmo tão grande e com tanta diversidade, é possível abraçar e cuidar do país todo, sem excluir qualquer parte, ou qualquer classe da população.

Nessa perspectiva, podemos inferir ainda que, ao utilizar as palavras ‘abraço’ e ‘nosso povo’, busca-se trazer à tona na memória do povo aquela ideia de companheiro, de paizão, que Lula construiu durante o seu governo.

Verificamos ainda no diálogo I que existe uma mudança de assunto na conversa estabelecida □ e essa mudança vem ser anunciada por Lula ao dizer: “e anunciar o início de um novo tempo” □, o que marca o fim de um tempo, tempo em que Lula esteve à frente do país, e começo de uma nova era, a qual será comandada por Dilma. O que fica evidente nesta fala é a posição ocupada por cada um dos interlocutores, pois somente Lula é quem poderia anunciar um novo tempo, porque é ele o presidente que marcou a história do Brasil, ele tem o ‘poder’. Isto torna evidente “que as condições sociopolítico-ideológicas mapeiam, num dado momento histórico-social, as possibilidades de expressão e, portanto, de produção de sentido pelo sujeito” (CORACINI, 2007, p. 31).

Na continuação do debate, Dilma fala do futuro que virá, porém

sem que se interrompa o presente; desse modo, vemos que o discurso fala da mudança, mas se apoia no passado e no presente legitimados pela figura carismática de Lula. Dessa sorte, percebemos o desejo de construir sentidos apoiados na memória coletiva, a qual permitiria inferir que o governo de Dilma será igual ao de Lula.

Essa tentativa de legitimar a candidatura de Dilma, apoiada na imagem do presidente, continua sendo construída até o fim do diálogo I, é o que se verifica nas palavras de Lula: “um projeto, Dilma, que está só começando. Muita coisa já foi feita, mas tenho certeza que saltos ainda maiores vão acontecer no seu governo”. Lula fala de um projeto que começa com a Dilma, mas não deixa de lembrar o trabalho feito por ele.

Já no término do diálogo I, fica evidente o destaque que se quer fazer do trabalho de Lula, buscando dar crédito à candidatura da Dilma, o que pode ser observado a partir dos seguintes dizeres da candidata: “Presidente, o salto mais difícil já foi dado. Mudar a forma de governar o Brasil, olhando para todos os brasileiros. Por isso, eu me orgulho tanto de ter participado do seu governo. E quero continuar e fazer avançar a sua obra”. Nesse trecho, Dilma compara o trabalho de Lula a uma ‘obra’ e fala do seu olhar para todos os brasileiros; nesse aspecto, mais uma vez, este discurso parece produzir sentidos que mostram que Lula foi o ‘presidente do povo’, e que Dilma continuará o seu ‘legado’. Acreditamos ainda que esses sentidos só podem ser produzidos devido às condições de produção desse discurso, que “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória ‘aciona’, faz valer, as condições de produção é fundamental [...]”. (ORLANDI, 1999, p. 30).

Acabado o diálogo I, o programa segue, agora trazendo vozes que representam de certa forma a voz dos brasileiros (essas diferentes vozes que aparecem serão denominadas aqui como: brasileiro I, brasileiro II, e assim consecutivamente), que falam das mudanças ocorridas no Brasil e que melhoram as suas vidas; são dizeres como:

**Brasileiro I** - Vamos para frente que o Brasil mudou tá bem melhor, vamos realizar nossos sonhos agora.

**Brasileiro II** – Hoje eu tenho uma casa melhor.

**Brasileiro III** – Emprego está bombando aí.

**Brasileiro IV** – Eu tenho uma profissão.

**Brasileiro V** – Agora a Luz chegou na minha casa.

**Brasileiro VI** – O Brasil mudou de cara.

Nessa parte do HGPE, o discurso representado na voz 'dos brasileiros' aciona o imaginário do povo, pois aborda questões caras à população como: os sonhos, a moradia, o emprego, a profissão e o direito a luz elétrica, desse modo, entendemos que "é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro" (BACZKO, 1984, apud GREGOLIN, 2003, p.97). Com isso, podemos dizer que mais uma vez se tentou remeter à figura de Lula, o qual é tido como o presidente da 'massa', mexendo, dessa forma, com o imaginário popular, pois o seu governo proporcionou aos brasileiros as mudanças acima transcritas.

Em seguida, o programa traz a figura de Dilma em diversas regiões do Brasil, a começar pelo Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, onde ela diz:

**Dilma** – Para o Brasil seguir mudando, é preciso erradicar a miséria. O Brasil já avançou muito e vai vencer mais esse desafio. Aqui, no Vale do Jequitinhonha, Lula firmou o compromisso de acabar com a fome. Muito já foi feito. Aqui, eu renovo meu compromisso de lutar sem trégua para acabar com a pobreza extrema no Brasil.

Percebemos que o discurso produzido nesse momento retoma a mudança realizada no país. A candidata assume o compromisso de acabar com a pobreza no Brasil, mas não deixa de citar o compromisso anteriormente firmado por Lula, e que é tido por grande parte da população como iniciado por ele e bem desenvolvido, uma vez que uma das marcas de seu governo foi acabar com a fome no país. Dessa sorte, entendemos que o discurso produz um efeito de sentido, o qual parece dizer que a candidata Dilma marcará, justamente, a continuidade e a contemplação desse projeto.

O próximo lugar visitado por Dilma no programa é Ipojuca, em Pernambuco, onde ela firma o compromisso de investir cada vez mais na educação, ao dizer que é preciso investir no projeto das escolas técnicas, que começou no governo Lula; mais uma vez observamos que, ao firmar seus compromissos, a candidata se apoia em projetos já realizados pelo presidente Lula, para legitimar o seu compromisso.

O Rio de Janeiro é outra parada de Dilma, onde ela vai falar de segurança:

**Dilma** – Para o Brasil seguir mudando, é preciso investir corretamente na segurança. De forma firme, mas com visão social. Como vem sendo feito pelos governos federal, estadual e municipal, em comunidades aqui no Rio. Vamos levar esta experiência para todo o Brasil.

Nesse momento, o discurso não faz menção direta a Lula, mas continua utilizando o slogan da campanha 'para o Brasil seguir mudando', o que indiretamente remete a Lula e seu governo. E ainda, quando afirma "como vem sendo feito pelos governos federal, estadual e municipal", esse 'como vem sendo feito' traz a ideia de continuidade.

Em seguida, a localidade que a candidata do PT visita é Igarassu, também em Pernambuco. Nesse momento, os assuntos tratados são a saúde e o apoio ao pequeno e médio empresário, nesse discurso não se fala de Lula, somente se tem o slogan da campanha.

Logo depois, Dilma está na última região abordada pelo programa, Goiás, lugar em que a candidata faz propostas e firma compromissos em relação à infraestrutura, como as ferrovias, estradas, aeroportos e portos, e ainda há um comprometimento em apoiar setores produtivos nacionais, como a indústria, a agropecuária e a pecuária.

Na sequência, é inserida no HGPE uma apresentadora, que fala de um novo Brasil que está nascendo, como podemos ver:

**Apresentadora I** – Este novo Brasil está nascendo com tanto vigor, que faz surgir coisas maravilhosas. O pré-sal é uma delas.

Ao falar do 'nascimento de um novo Brasil' e do surgimento de 'coisas maravilhosas como o pré-sal, este discurso nos leva a interpretar que este Brasil que é comentado aqui só foi possível com o Lula, pois o uso das palavras 'novo' e 'nascendo' traz em si a ideia de que tudo começou numa história recente, a qual tem a participação direta de Luiz Inácio Lula da Silva. Essa interpretação só nos é permitida porque, no decorrer de todo programa, vem-se construindo a imagem de que Lula foi quem mudou o país.

Assim, logo após a aparição da apresentadora, o televisivo do PT aborda a questão do pré-sal, na voz de um locutor que elenca inúmeras vantagens que a descoberta desta matéria vai oportunizar ao país, como o investimento em educação, cultura, meio ambiente, ciência e tecnologia, assim serão abertas novas portas para que o Brasil se torne um país sem miséria, e na 'mais vibrante democracia do mundo

emergente’.

Dessa forma, o próximo apresentador diz:

**Apresentador II** - O Brasil já caminha para isso. É só ver as grandes conquistas do governo de Lula e Dilma.

A partir da observação dessa fala, percebemos que o discurso produzido visa a criar um efeito de sentido, o qual parece mostrar que as grandes conquistas do governo Lula foram acompanhadas do trabalho de Dilma, pois coloca a candidata petista ao lado do presidente. Acreditamos que esse discurso pode ser assim interpretado, pois

[...] discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. (FERNANDES, 2005, p. 20).

Dando continuidade ao HGPE, são elencadas as transformações ocorridas durante o ‘governo Lula’, conforme vemos a seguir:

**Locutora II** – vinte e quatro milhões de brasileiros saíram pobreza absoluta e trinta e um milhões entraram na classe média. Quatorze milhões conquistaram um emprego com carteira assinada. O Brasil se tornou líder mundial no combate à fome.

Ao mostrar as mudanças positivas que aconteceram no Brasil recentemente, o discurso visa transparecer que essas transformações ocorreram em virtude do trabalho de Lula. Podemos verificar ainda esse efeito de sentido, na sequência do programa, quando uma terceira apresentadora aparece falando:

**Apresentadora III** – Só quem fez de sua vida um exemplo de superação, poderia liderar tamanha mudança.

Desse modo, este discurso também dialoga com a memória do povo brasileiro, retomando a vida e os feitos de Lula para produzir sentidos que legitimem a candidatura de Dilma Rousseff.

Na sequência, o programa traz uma pequena biografia de Lula e depois uma de Dilma:

**Locutor I** – Lula nasceu pobre, em Pernambuco e criança, veio para São Paulo. Tornou-se líder sindical, foi preso pela ditadura, e fundou o PT.  
Dilma nasceu numa família de classe média de Minas, e bem jovem enfrentou e foi presa pela ditadura. Recomeçou a vida no Rio Grande do Sul. Casou, tornou-se mãe, economista e a primeira mulher a ser secretária de finanças da prefeitura de

Porto Alegre e depois secretária estadual de Minas e Energia. Um dia, essas histórias se uniram. Lula se tornou o primeiro operário presidente. E Dilma a primeira mulher a ser ministra de Minas e Energia, presidente do Conselho de Administração da Petrobrás e ministra-chefe da Casa Civil. Lula deu rumo ao Brasil. Dilma coordenou todo o ministério e programas como o PAC, o Minha Casa, Minha Vida e o Luz para Todos. Lula está encerrando o mandato como o melhor presidente da nossa história. Inovou, rompeu barreiras, mudou o país. Não por acaso, quer passar a faixa à primeira mulher presidente do Brasil.

Nessa parte do HGPE, vemos que há toda uma 'carga emocional', pois conta a trajetória de Lula desde criança até a sua chegada à Presidência da República, descreve-se do mesmo modo a caminhada de Dilma desde pequena até a vida adulta, em seus trabalhos de grande importância. Além de mostrar a vida dos dois políticos, o programa faz questão de dizer que "um dia, essas histórias se uniram", nos fazendo inferir que a caminhada de trabalho tanto de Lula, quanto de Dilma, são parecidas e que as tarefas desempenhadas por ambos é de 'extrema' competência. Esse efeito de sentido produzido, o da competência de Lula e Dilma, é percebido quando se diz "Lula está encerrando o mandato como o melhor presidente da nossa história", e "não por acaso, quer passar a faixa à primeira mulher presidente do Brasil".

Ainda ao analisar essas duas falas, verificamos que há também um outro efeito de sentido sendo produzido, que busca mostrar que o 'melhor' presidente da história do país, 'o mais amado pelo povo', é quem está apresentando a candidata Dilma para representá-lo, ou seja, ao votar na Dilma, o eleitor estará colocando na presidência uma pessoa tão competente quanto o presidente Lula.

Nesse tocante, levando em consideração as condições sociopolítico-ideológicas e o momento histórico-social no qual este discurso é produzido, constatamos que esses sentidos só são produzidos porque as suas condições de produção assim permitem.

Após a apresentação da história de vida dos dois políticos, o programa coloca em cena o presidente Lula, no Palácio da Alvorada, falando sobre seu governo, sua equipe de trabalho e sobre Dilma, a parceira de todos os momentos:

**Lula** – Na primeira noite que eu passei aqui no Alvorada, eu pedi a Deus para começar e terminar bem o meu governo.

Para que isso acontecesse, eu precisava ter uma boa equipe. E Deus me ajudou. Além de uma excelente equipe, tive também uma chefe de equipe maravilhosa: a Dilma. Ela foi a parceira de todos os momentos. Aqui mesmo nesta sala, ficamos muitíssimas vezes até bem tarde da noite buscando soluções para o Brasil.

Com esse pronunciamento de Lula, percebemos que o discurso procura novamente dar crédito à candidata Dilma, mostrar que o brasileiro pode confiar no trabalho que ela irá desempenhar se estiver à frente da Presidência da República, tendo em vista que quem assegura isso é 'o Lula'. cremos que este efeito de sentido só é criado porque quem enuncia ocupa uma posição-sujeito que o autoriza a dizer determinadas coisas, as quais significam em relação à posição ocupada, pois "o que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito)". (ORLANDI, 1999, p. 40).

Posteriormente, é a vez da aparição de Dilma, que vai expor sobre a sua experiência no governo de Lula:

**Dilma** – O governo Lula foi para mim mais que uma escola de governo. Foi uma escola de vida. Foi uma escola de Brasil. Eu acompanhei todos os projetos. Estou preparada para dar continuidade a eles e principalmente para fazer as coisas que precisam ser feitas.

Dilma fala que 'o governo Lula' foi uma escola para ela, que acompanhou todos os projetos e que está preparada para dar continuidade a eles. Dessa maneira, ao retomar a figura de Lula, notamos que existe neste discurso, mais uma vez, a necessidade de se projetar a ideia de que Dilma aprendeu tudo com o Lula e que, se for eleita, sua substituta está pronta para desempenhar um papel tal qual ao de Luiz Inácio Lula da Silva.

O programa continua, trazendo novamente a figura de Lula, que elogia a candidata do PT e pede votos para ela:

**Lula** – Tem pessoas a quem a gente confia um trabalho e elas fazem tudo certo. Estes são os bons. E há pessoas a quem a gente dá uma missão e elas se superam. Estes são os especiais. Dilma é assim. Ela foi a grande responsável pelas maiores conquistas desse governo. Por isso, lancei sua candidatura. Por isso, estou com ela e peço: vote na Dilma. Ela é a pessoa mais preparada para ser presidente do Brasil.

A partir desse dizer, percebemos que a busca pela legitimação

da candidatura escolhida por Lula chega a seu ápice, uma vez que, além de elogiar não só o trabalho da candidata, mas também a pessoa que ela é, o presidente pede ao povo que vote nela. Entendemos, assim, que esse discurso só produz o sentido almejado no programa, porque quem o pronuncia é o próprio Lula, desse modo, ao observarmos esta fala do presidente, entendemos o posicionamento de Pêcheux (2009), ao postular que as palavras mudam de sentido de acordo com a posição ocupada por aqueles que as utilizam e que elas só tem sentido em relação a essas posições.

Quase ao término, o HGPE evidencia a figura da candidata petista, que discorre sobre sua meta para presidente da Nação:

**Dilma** – Nossa meta é continuar construindo um país cada vez mais forte e mais justo. Um país, onde todos possam se realizar e viver em paz com a sua família, a sua casa, a sua escola e o seu trabalho. Porque essa é a grande lição de Lula. Governar para as pessoas com amor, coragem e competência. Foi assim que o Brasil mudou e vai seguir mudando. Quero fazer com o cuidado de mãe o que ainda precisa ser feito. Este é o meu sonho. E com o seu apoio eu sei que vou realizá-lo.

Ao abordar temas como a família, a casa, a escola e o trabalho, vemos que outra vez o imaginário social é trabalhado, visto que é por meio dele que se atinge as aspirações, os medos e as esperanças de um povo, como afirma Baczkó (1984). Desse modo, o discurso produz sentidos que apontam para a ideia de que, no governo de Dilma, todos terão paz na família, em casa, assim como todos terão também educação e trabalho. A memória também é acionada porque retoma a forma como Lula governou e assume o compromisso de 'continuar construindo um país cada vez mais forte e justo', validando, assim, a posição de Dilma como candidata a presidência.

Já no fim desse televisivo, o que temos é a imagem de Lula no Palácio da Alvorada e depois imagens de sua eleição e posse, com dizeres como: "a maior eleição da história do Brasil", "presidente eleito do Brasil", "Luiz Inácio Lula da Silva". Logo em seguida e fechando o HGPE, começa a tocar uma música e a mostrar brasileiros e lugares do Brasil, bem como imagens de Lula e Dilma, a letra da canção é a seguinte:

Música – Deixo em tuas mãos o meu povo e tudo o que mais amei, mas só deixo porque sei que vais continuar o que fiz, e o meu país será melhor e o meu povo mais feliz, do jeito que

sonhei e sempre quis. Agora as mãos de uma mulher vão nos conduzir. Eu sigo com saudade, mas feliz a sorrir. Pois sei, o meu povo ganhou uma mãe, que tem um coração, que vai do Oiapoque ao Chuí. Deixo em tuas mãos o meu povo.

Desse modo, ao terminar o programa, o que vemos é essa canção, a qual opera com a memória e o imaginário, pois, ao falar “deixo em tuas mãos o meu povo e tudo o que mais amei, mas só deixo porque sei que vais continuar o que fiz”, o sentido que entendemos produzido é que Lula, como presidente, amou o seu povo e teve muitos feitos realizados, desse modo, ao deixá-los para Dilma, só o faz porque acredita ser ela a única pessoa capaz de fazer o mesmo que ele fez. Consideramos ainda que o imaginário social é trabalhado, porque utiliza o conceito de mãe, remetendo, assim, de certa forma, à figura de pai que Lula desempenhou no comando do país. Já a memória discursiva é utilizada o tempo todo para lembrar o grande presidente que Lula foi e, ao mesmo tempo, legitimar a candidatura de Dilma Rousseff.

Assim, a partir desta análise, podemos dizer que o HGPE que selecionamos como objeto de estudo produziu um discurso embasado na memória social e no imaginário, buscando dar crédito à candidata Dilma, por meio da ‘história’ do presidente Lula, o que só foi possível acontecer, porque as condições de produção desse discurso permitiram.

### **Considerações Finais**

O discurso pode ser objeto de diversos tipos de análise, no caso deste trabalho, a nossa proposta foi analisar o discurso produzido no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, de Dilma Rousseff, que foi ao ar no dia dezanove de agosto de 2010, com um olhar baseado na Análise de Discurso de linha francesa e pensando sobre os conceitos de mídia e política. O nosso objetivo era procurar compreender como é que se deu a produção dos efeitos de sentidos neste HGPE, a partir de conceitos como a memória discursiva e as condições de produção.

Desse modo, o que pudemos observar é que o discurso veiculado no televisivo em questão operou durante todo o seu desenrolar, com a memória discursiva aliada às condições de sua produção, produzindo um efeito de sentido, o qual buscou legitimar a candidatura da petista Dilma Rousseff, ancorada na figura carismática do presidente Lula, uma

vez que a candidata do PT não era muito próxima do povo, como o ex-presidente, e, ainda, até a eleição presidencial, nunca havia disputado um cargo político por meio do voto popular.

Isto posto, durante a realização desta análise, foi possível compreender que o discurso produzido no programa aqui analisado, ao recorrer praticamente a todo o momento à memória, ao interdiscurso, afetou o modo como os sujeitos 'no discurso' significaram, produzindo determinados sentidos e não outros.

Assim, em nossa pesquisa, partindo da análise que realizamos, entendemos que o discurso produzido neste HGPE se utilizou de conceitos como a memória e as condições de sua produção para produzir um efeito de sentido, que levasse o povo brasileiro a acreditar ser Dilma a candidata que poderia assumir o cargo tão bem ocupado durante dois mandatos por Lula. Esse sentido só pode ser entendido, porque, durante o programa inteiro, o então presidente foi citado ou falou em favor de Dilma. No entanto, gostaríamos de fechar este trabalho, dizendo que não esgotamos as possibilidades de análise que este corpus oferece, podendo o mesmo ser objeto de outros estudos, bem como apontar para outras conclusões.

## Referências

BARBOSA, P. L.N. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. *In*: GREGOLIN, M. do R. V. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 111-124.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006.

CORACINI, M. J. Pêcheux hoje: no limiar das dúvidas e (in) certezas. *In*: \_\_\_\_\_. **A Celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 27-43.

COURTINE, J. J. Os deslizamentos do espetáculo político. *In*: GREGOLIN, M. do R. V. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21 -34.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória?. *In*: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes 1999. p. 23-32.

FERNADES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FILHO, C. F. P. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. *In*: GREGOLIN, M. do R. V. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 49-64.

GREGOLIN, M. do R. V. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. *In*: \_\_\_\_\_. **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 95-110.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes 1999. p. 49-56.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et AL.* - 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

#### **Documentos na internet**

Governo Lula. **Infoescola**, 3 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/mandatos-presidenciais-do-brasil/governo-lula/>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

**Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, de Dilma Rousseff**, de dezenove de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fTXU5C0TU6Q>>. Acesso em: 02 mar. 2011.

Recebido em 30 de novembro de 2011.  
Aprovado em 21 de abril de 2012.